

Pedessista diz que Congresso deve funcionar

O PDS anunciou ontem que 32 dos seus 37 parlamentares — cinco senadores e 32 deputados — estão favoráveis ao funcionamento da Câmara e do Senado durante o período da Assembléia Constituinte e votarão neste sentido durante a apreciação do Regimento Interno, que prevê o recesso branco das duas Casas.

Negam os pedessistas que o partido esteja atuando em comum acordo com o PFL ou com o PMDB. A posição do PDS continua sendo, como acentua o líder Amaral Netto (RJ), de oposição veemente ao Governo, o que não significa uma oposição ao regime.

“Se minha atuação agrada ao presidente Sarney, melhor para ele e pior para mim. Sou contra a atuação do Presidente da República, mas não quero tirar o mandato de ninguém” — comentou Amaral.

DEMAGOGIA

Lamenta o líder do PDS que alguns “companheiros” de bancada estejam procurando adotar uma “linha populista, ficando do lado da esquerda, quando na Constituinte não pode haver esse comportamento demagógico”. A elaboração da Constituição deve estar livre desse comportamento e da interferência do Governo, que não se justifica.

Ao informar que 32 parlamentares do PDS querem o funcionamento da Câmara e do Senado, Amaral ressaltou que esse comportamento demonstra não haver 14 pedessistas favoráveis à tese da soberania absoluta da Constituinte. “Aliás, queria ver esses defensores da soberania renunciarem a seus mandatos após a promulgação da Constituição”.

O que o PDS tem feito, na Constituinte, é denunciar o Governo, criticá-lo com muita veemência. Não há, porém, interesse em atingir o Presidente, derrubá-lo, aprovar o § 7 do art. 57, do Regimento Interno, para que a Constituição seja mudada por maioria absoluta. Há uma Constituição em vigor e o PDS quer respeitá-la até a promulgação da que a substituirá.

Favorável ao mandato presidencial de cinco anos, Amaral disse que aceitará, neste aspecto, o que a maioria do PDS decidir. A tendência parece ser a de quatro anos para Sarney. Ele estranha que mesmo no preâmbulo do Regimento Interno haja grande preocupação em condenar o passado, responsabilizá-lo por tudo.

“O PMDB — frisa — devia se lembrar que tem muita gente do antigo PDS, expoentes dos governos revolucionários. O Governador de meu Estado (Moreira Franco), por exemplo, é um deles”.